

Salomão Rovedo

**Canto da minha maneira.  
Que me importa si me não entendem?  
Mario de Andrade**

# Amaricanto



(Poesia)

**Sentado aqui, escrevendo, páro e vejo  
bem lá dentro de mim, acesa, a luz  
que me guia para a destruição.  
Torquato Neto**

Rio de Janeiro  
2003

## 20 POEMAS QUASIDARKS

1

“Aonde jazem os instantes  
soturnos da peste?”  
Isabel Câmara

Nem tanto ao Sol, nem tanto ao soturno:  
astrônomos conjecturam a Terra sem Sol  
e tão somente abraço a perda da manhã.

Nem tanto a Terra, nem tanto a Saturno:  
o infinitésimo espaço que preocupa  
não abarca a viagem da nave estrelar.

Nem tanto a terra, nem luminosidade:  
o passo seguinte é o abismo total  
– quando à beira de lugar nenhum.

Nem tanto ao Sol, nem tanto à Lua:  
espacial é a noite cedida à claridade,  
aos destemores diurnos e noturnos.

Nem tanto à Terra, nem tanto ao Sol:  
de pés no chão diluir-se a cada pegada  
e indomável amar, técnica do olvido.

Nem tanto à Lua, nem tanto ao soturno:  
vagar, vagar paralisado, terror da luz,  
esquecer-se, soltar-se ao plano imediato.

E enquanto astrônomos conjecturam  
a Terra sem Sol, tão somente isso,  
eu só lamento esta perda da manhã.

2

“Venho sistematicamente  
me estraçalhando  
nos vidros da janela.”  
Many Tabacinik

Pouco mais que isso: poesia  
de cortar os pulsos sem comoção.

Um canto mais deprimente  
que heroína, mas que fala de amor.

A vida perfeitamente enojada:  
viver parece nunca ter fim.

Na ausência ou na existência,  
que importa? Desiludidamente.

É que depois a solidão torna  
tudo demais pós-comoção.

Quem está pronto para ter o coração  
partido de tristeza ainda mais?

A vida é um longo caminho  
perdido entre poeira e asfalto.

Quem vai crucificar o sentimento  
– esse podre coração de aço?

Quando se é jovem para sempre  
toda vida é uma canção injusta.

3

“El alma vuela y vuela.”  
Nicolás Guillén

Pega minhas mãos frias e beija.

Meu peito sem hálito acaricia.

Fixa meus olhos baços lacrimejantes.

Exaure-me todo, toda a resistência.

Totalmente desequilibrado em pênsil arame.

Deforma-me com tuas mãos quentes de barro.

Quebra-me os ossos, guarda-os para ti.

Elabora um brinquedo desmontável.

Traz o brilho nauseante dos teus olhos.

Baixa minhas pálpebras deslustradas.

Apaga minha penúltima Luz!

4

“Mas é que não me lembro  
de teu rosto  
menino menino.”  
Patrícia Blower

Um fio de vida retém o corpo menino  
na madrugada que encobriu a noite.  
Migalha de pão foi um dia, fio de vida,  
detém derradeiras gotículas de lágrima.

Cheiro de barro molhado e terra preta,  
estrume, húmus aquoso, água de chuva.  
Últimos pingos de chuva e brisa e sal  
morrem aqui e no chão do horizonte.

Só um piscar de vida mantém cálido  
este corpo criança, criança, criança.  
Fluídica, oleosa, carma inesperado,  
alma revestida de asas alça vôo e voa.

5

“Mi propia canción amante.”  
Gabriela Mistral

Canto inteiro

Este canto madurinho canto,  
Canto que jamais apodrece.  
Cresce o cantor e a cantiga  
Enquanto o céu desaparece.

Canto pleno

Canto doído, doidinho canto,  
Canto que dói e desmancha.  
Brilha a cor, brilha a mancha  
E o rubor do sangue avança.

Canto interior

Este canto deslavado, canto,  
Canto afônico e desbocado,  
Vomitando vozes de acalanto,  
Canto que já canto alucinado.

## Canto passageiro

Este canto esquecido brasileiro,  
Canto de quintal e de pagode,  
Canto sozinho ou com coral,  
Mas é meu canto por inteiro.

6

“Saio pela noite  
com promessas na boca  
atrás do que sofrer.”  
Glória Perez

Atraído pela grande noite,  
noite que tudo engole  
e a todos atordoa e fere,  
debruço o meu ser todo  
sobre esse itinerário réu.

Em fuga das celebrações  
infelizes, bendigo todos os  
fantasmas desconhecidos:  
sisudos e tristes, moleques  
e traiçoeiros, bem vindos!

País de lendas e crendices,  
bem vindos ao itinerário  
nenhum de loucas mentes  
corrido nas horas mínimas  
nas horas de prestar contas.

7

“Uma doce canção,  
um beijo entra em mim  
e dói meu coração.”  
Claudia Pequeno

Dizem que o coração não dói.  
Imagino-o um feixe de músculo louco  
movido a sangue que rega, bombeia,  
contínua, tresloucadamente, o corpo todo.

E dói. Neste exato momento sinto  
o pulmão imprensá-lo com seu fole  
monstruoso contra algo – e esse terror  
me tira o fôlego. Dói que nem respiro.

Sequer posso raciocinar com essa dor  
que impede de deitar em decúbito:  
Sento na poltrona e algum conforto  
me diz que essa posição o agrada.

Mas o coração ainda dói e faz-me *ver*  
os problemas, está me comunicando  
as mil dificuldades que tem para cumprir  
a função milagrosa de me manter vivo.

Semelha muito motor de velhos carros,  
sofrendo encanecido para subir ladeiras  
– geme, fumega, freme. E como dói,  
parece me passar um recado clemente:

– Estou mal, diz choramingando, vou parar  
a qualquer momento inexato, sem aviso.  
Coração não mata (dizem), a morte advém  
com o fim da atividade cerebral. Pois bem.

Que importa? Meu coração seguramente dói:  
e quando cansado decidir parar de uma vez,  
nem precisa dar sinal ou Aviso Prévio:  
com ele irei também solenemente. De dor.

8

“Senti no impulso de abrir os olhos o temor de  
encontrar os dela.”  
Bruna Lombardi

Antes da travessia houvera o bom Deus  
ceder-me uma vez só  
o prazer de despertar a teu lado.  
Uma vez só – não mais – deixa-me  
exercitar o direito que o tempo  
úbere despejou sobre nós dois.  
Quando o dia inda plúmbeo  
invadir de sombra gris  
tua pele de areia e vier  
turvar os lençóis alvos,  
um dia só – nem mais,  
queria a teu lado acordar,  
ouvindo teu ressonar morno,  
pacífico, amante, a suspirar sonhos.  
Querida uma só vez aspirar  
do teu corpo algáceo

o perfume de água do mar  
nas manhãs de inverno.

9

“¡Que sea como el Che!”  
Fidel Castro

“Subversivo e perverso  
morre um jovem na rua”.  
Renata Pallottini

Pelo menos uma vez na vida me passou  
pela cabeça a idéia de fazer a Revolução.  
Sob o outdoor da Coca-Cola  
dormem crianças e de manhã brigam  
pelo café-com-leite.  
A TV noticia a seca juntada ao flagelo,  
à fome, retirantes expulsos do campo  
para a cidade grande.  
Ao menos uma vez alguma das minhas  
sete vidas pensei podar...  
Já senti latejar no sangue o chamado  
do Che Guevara, o grito  
de Augusto Sandino,  
ouvi as preces de Yásser Arafat.  
Camarada Gorbachov, irmão Che,  
compañero Fidel, sei que faremos  
o possível para que um dia  
o heróico povo palestino possa despertar  
independente e soberano,  
livre e soberano.  
Quando o Líbano tiver varrido  
o mapa de sangue, quando não mais houver  
Sabra & Chatila, poderemos dizer:  
eis o estandarte da Paz  
para sempre empunhado,  
atado aos ramos de oliveira.  
Para fazer reviver a esperança  
a todo custo, três retratos  
fotografam apenas a realidade:  
– Não há vida honrada no campo.  
– A fome campeia desbragada nas cidades.  
– Temos um Líbano, uma Etiópia,  
em cada caatinga.  
Novas secas, novos latifundiários,  
novos donos.  
Entre as lajes de concreto dormem

crianças, despidas, lutando por  
um prato de comida e pão.  
Novas raças de mortos vivos,  
retirantes do século, filhos dos filhos,  
netos dos netos, migrantes do pó.  
Todos fugiram das secas pré-fabricadas  
como zumbis, dos plantadores  
mecanizados, da soja for export.  
Amanhã serão bandidos, será o mesmo  
do mesmo, mas quando virá aquele,  
quando virá aquél  
– ¿Que sea como el Che?

10

“estar assim,  
de ponta a ponta esvaziado, quieto,  
sem derrota de amor e de abandono.”  
Vito Pentagna

Viver sozinho é bom. Muito bom.  
Desde que se viva longe da solidão.  
Não. A solidão não é má companheira.  
É boa a solidão sozinha.

É por causa das duas ânsias  
de viver: Do jovem, quando  
a vida se aproxima com  
a velocidade da luz.

Do outro, para o qual ela  
(senão a vida mesma),  
vai se desfazendo passado,  
ano-luz de velocidade.

O mundo está acabando?  
Que se acabe o mundo!  
– Estou infeliz...

A felicidade onde está?  
Que se dane a felicidade!  
– Estou na curva do oceano...

Abraçado à paixão,  
não quero dela despojar-me.  
*Jamais. Lo que pasa es que  
el mundo está borracho.*



11

“Arde la guitarra sola  
mientras la luna se acaba.”  
Nicolás Guillén

Essa lua que se abate  
sobre la quimera  
do meu desespero, me ensina:  
no, las rondas no son buenas.

Só o farfalhar das folhas secas  
largadas na umidade do chão nosso,  
*causan daños*, causam penas.

Sentir não só a dor humana, mais.  
Aragón, Vallejo – Vallejo, Aragón,  
não se pode declamar mais.

Quem está pronto para governar  
o destino de todos nós?

No, las rondas no son buenas...  
Ó voz, fala por mim que estou mudo:  
– Qual a extensão do arranjo?  
– Qual a extensão de tudo?

Fala por mim ó voz do mundo,  
que jamais um dia dentro de mim,  
jamais quis um dia me ver...

Lua que se derrama sobre  
la tiniebla de mi soledad.

12

“Deixo para ti  
Meu sono de profeta da clandestinidade.  
Trago-te de volta ao que eras.”  
Thereza Christina Rocque da Motta

Que bom te ver de novo.  
Digo: bom te ler de novo,  
cada vez que te revejo em livro  
ou em cartas antigas,  
caramujo fora da concha.  
Quero tirar proveito do sonho,  
transformá-lo em realidade temporã.  
Desfazer laços, nós, liames,

desprender elos, destruir cadeias.  
Em pequeníssima conta me tenho:  
gostaria de tirar esse peso morto.  
Nenhum projeto, nenhum passo a dar.  
Jamais receber de forma tradicional,  
sobras de restinho de vida, se me resta.  
Romantismo repetido inúmeras vezes  
disfarçadamente, em algumas levezas.  
Bom te reler, repassar colares de frases,  
consumir tuas palavras, bebê-las...  
Essa pena por não poder respirar-te,  
respirar-te aos segundos em literatura.  
Somos assim tão leves?  
Que tal decifrar o mistério?  
E por fim viver definitivamente  
à margem da margem da loucura.

13

“O controlador dos universos  
deu-me o dom da vida.”  
Márcio Catunda

É como quero – faço o mundo.

É como faço – quero-o assim:  
Aqui e agora, nem ontem,  
quente e amigo, sem amanhã.

Frio e com a aspereza do aço.  
O universo é salada de alface:  
Limão, tomate, cebola e alho pisado.

E azeite bastante, como tu fazes.

14

“É deixar a vida  
à espera  
na soleira da porta.”  
Patrícia Blower

Mariscos a la ostra.  
Como é saboroso senti-los vivos:  
Água do mar na saliva  
e umas gotas azedas de limão.

Mariscos a la ostra.  
Um bom tinto entre garfadas  
e agora podem morrer na boca  
como beijo venenoso das deusas.

Mariscos a la ostra.  
Tê-los completamente de porre,  
em Viña del Mar ou Reñaca,  
no Oceano Pacífico valente,  
ou no Oceano Atlântico pacífico.

Mariscos a la ostra.  
Maranhão ou Rio de Janeiro,  
em Araçagy ou Recreio,  
sabem ao puro e rico sabor,  
ressaca braba dos lábios da sereia.

15

“Queres o mistério da alma?”  
Thereza Christina Rocque da Motta

Aprendi a mexer contigo...  
Assimilei recuperar a liberdade,  
mas não sei de plenos mistérios.  
Segredos animam a amizade e mais.  
Achei-te em foto de capa de livro,  
matizes entrecortados em puzzle.  
Retrato enfeitiçado, olhar vudu,  
Íris que atanaza um qualquer.  
Aos olhos verdes que gritaram,  
Vem! – meus olhos responderam:  
– Por que não?  
Desde então desatinei corpo  
e alma sem medo de rejeição.  
Sem temer ouvir um não.

16

“Es morir, es temblar, es desgarrarme  
¡Sin compasión el pecho!”  
José Martí

Há dentro de mim o poeta e fora de mim:  
É quem sustenta o outro desesperado e nu  
que já puxou o gatilho mais de uma vez.  
O poeta-dentro é sentinela de mim,  
alma boa que me acha perdido beco a fora.

Quem arrebanha a ovelha desgarrada,  
nas ruas, descaminho impuro,  
invisível pastor é o poeta.  
O poeta dentro de mim espelha e reflete,  
convivem com irmãos desiguais, reflexos,  
bifocais, ramais de ramais, palavras extintas.  
É quem susta a morte, quem sustenta  
a alheia ventura do homem comum,  
irresponsável zelo, sobrevida da alma,  
alma comum, não-poeta...

17

“A tua ausência é um abismo  
à beira do qual a minha vida se debruça.”  
Márcio Catunda

Quanta senda tem teu corpo?  
Quero saber por inteiro,  
Desvendar o teu mistério,  
Quero ser teu cavaleiro.  
Quanta sarda tem tua pele?  
Quero contar em anos-luz,  
Navegar o teu espaço,  
Espaçonavegar entre asteróides.  
Quanta fenda tem teu corpo?  
Quero mapear desfiladeiros,  
Regressando àquele porto,  
Enseado em teu regaço.

18

“A morte  
à minha altura  
à minha imagem  
à medida do meu pé.”  
Jacques Rigaut

Atraído pela Grande Noite,  
negra que engole a tudo e a todos,  
debruço-me sobre o itinerário nenhum.  
Ó sacro lugar onde o homem pode  
encontrar-se consigo mesmo!  
Para o final ajuste de contas  
ainda é a Noite Grande que serve  
à fuga, às celebrações infelizes.  
Objetivos nenhuns, quase nada.  
Bem-vindo fantasma desconhecido,  
sisudo e triste: seja bem-vindo.

Bem-vindos pais de lendas e credices.  
A vida reclama considerações amargas,  
exige couro e pele, sangue e alma.  
Enfrentar-se à margem de tudo.  
Bem-vindos à borda do nada.  
Bem-vindos profetas do destino algum.

19

“Antes que vingue outra esperança  
Quero as sombras do branco espesso.”  
Adalgisa Nery

Lá fora nada mais tem significado algum  
para estacionar fragmentados demônios.  
Quero mais é uma morena bem amulatada  
de cabelos crespos, quadris e peito fartos.

Antes de anavalhar a face e depois de merecido  
repouso ir morrendo devagarinho, devagarinho...  
Sob as árvores, sombra e brisa, levíssimas,  
refletem as calmarias, fixam o ocaso.

Desenham-se as capoeiras que relembram  
o caminhar em trilho deserto, sem vento.  
Entre as árvores o Boitatá desprotege  
todo o verde roçado, já abatido, ressecado.

Tudo seco, triste, queimado, em carvão,  
remoído e seco como faces enrugadas.  
Bem-vindos deuses protetores das matarias.  
Bem-vindas uiaras, deusas dos rios sem água.

Quando o fósforo caiu, a chama cresceu  
desalmada, enodoando o azul do céu com carvão.  
Traído pela Grande Noite debruço-me em reza,  
à paisagem diuturna de fogaréu em cemitério.

20

“Sálvenme de una vez  
O dispárenme un tiro en la nuca.  
No me gusta mirarme  
En los espejos salpicados de sangre.”  
Nicanor Parra

Sim, crava as lupinas garras, em beijo  
cinematográfico, mutila-me a face  
e inunda de sangue tua sedenta goela.

Deixa escorrer, depois, o rubro mel  
entre os lábios gelados, inquietantes,  
horrendos, alucinantes, surrealistas.

Mas, para alcançar a salvação externa,  
minha rainha, desiluso exijo explicação  
pura sobre algumas doidas loucuras:

- Por que perder o ambicionado tesouro?
- E nos fazer gozar o desprazer antecipado?
- Por que possuir o amor indesejado?
- E nos fazer livres para o proibido?

(São clamores de magos e pajés  
que não consigo compreender).

## 20 POEMAS SEMIDOWNS

1

“Esta violência toda, colorida,  
em close, em minha sala.”  
Aglaia Souza da Fonseca

(Balada Euclid&Anna)

Manhã de agosto (ou janeiro),  
disposto a matar e morrer.

Os anos remexem as cinzas  
dos antepassados, anelam  
os elos da fatídica corrente:

acontecimentos que revivem  
a tragédia burguesa diária,  
história de condenados amores.

De mais um trágico amor,  
os trechos eminentemente  
sangrentos e folclóricos.

A partir de páginas  
levianas, falsas, caluniosas,  
infamantes, injuriosas...

Euclid&Anna, águas de dor,  
amargura do início ao fim.

Príncipe da Vida e das noites  
de ânsias rudes, indolentes.

Amor amante, de pé de cama,  
torrente de mágoas que cai  
e desemboca no abismo de dor,  
no vulcão de suspeitas...

Galhos carpidos de árvores  
genealógicas, carcomidas,  
se agridem e se defendem.

Buscam o silenciar da ira,  
calar o estampido do século.

2

“Um sol que vertia sangue  
sobre o monte...”  
Suzana Vargas

Manhã suspiro, manhã vã, manhã  
– em suicídios despedaço.

Dia ido, dia perdido, dia falido  
– em fluidos me desiludo.

Tarde orca, arde tarde, tarde morta  
– em comotas, desditosa.

Sol morto, sol posto, sol baço  
– em pedaços, desperdício.

Noite lenta, asquerosa, gosmenta  
– entre lençóis de cetim...

Madrugada alada, alva parada  
– em chumbo desesperançado.

De manhã eu piro em vão, amanhã  
– em suicídios de bala de aço.

3

“Passa a nuvem do sonho  
passa a corrente da água.  
“Kátia Bento

Exercício mundano esse de ir-se  
ir-se devagarinho estrada afora  
sair à francesa de mansinho ir-se  
sem alarde ir-se sem despedida  
sem fazer-se notar sem adeus ir-se  
ir-se discretamente em silêncio  
sem pegada ir-se sem grito palavrão  
sem reclame nem discurso ir-se  
ir-se fumaça de cigarro evolar-se  
sem que ninguém dê por falta ir-se  
sem ódio nem rancor ir-se sem matar  
ir-se sem deixar pisadas na areia  
sem cocaína maconha ou heroína ir-se  
sem amor ir-se sem saudade por aí...



4

“É chegar e ao mesmo tempo ouvir,  
saber entregar-se e chegar  
mesmo tendo sempre que partir”.  
Solange Sileikis

Estrela-guia permite ao poeta  
a magia da distância.  
Permite ao amado  
esse viver amado,  
quase sempre adoidado  
à distância.

Estrela-guia concede ao Nauta  
o dom de estar no deserto  
e longe te ver.  
Permite ao cantor  
sorver a luminosidade  
distantes bilhões anos-luz.

Estrela-guia entrega ao errante  
o menor amor, polígamo,  
onírico, monógamo.  
Permite ao solidário  
sempre, eternamente,  
a esperança,  
sozinha e distante.

Estrela-guia devota ao Argonauta  
o calor do aconchego:  
para que não sofra  
a decepção da frialdade.  
Permite que pise teu solo  
e não o desértico  
solo da Lua, de Marte,  
de Vênus, de Sírio.

5

“... que posso escrever?  
De que servirão as palavras?”  
Fadwa Tuqan

“Porque as palavras são muros  
Construídos.”  
Nauro Machado

O mistério habita a palavra

e cabe ao poeta traduzir.  
Arar para a sementeira,  
irrigar o campo, a seara,  
convidar o leitor à colheita.  
No intrincado labirinto  
da frase encontra o poeta  
alimento para o dizer.  
O leitor descaminha,  
faz turismo pelas ruelas  
dos versos ele busca  
migalhas do viver eterno.  
Fala poeta, destila bile e doçura!  
Versa o mistério que habita  
a palavra e após a seara  
lavra a verde colheita.  
Fruta e cereal será alimento,  
leva-os ao sal, tempero, ardor.  
Intrincado labirinto de frases,  
transforma em elemento,  
mapa, bússola na estreitíssima  
ruela da vida acende o farol,  
oferece a baía e o ancoradouro.

Por ali perdido caminha o leitor.

6

“Antes eu era o verde de seu leito sem espumas  
Peixe e rosas no crepúsculo das águas.”  
Terezinka Pereira

Cantar os rios, sim, eles são belos  
e contemplá-los muito nos ensina.  
Mas para que servem as margens?  
Sim, o rio tem águas importantes,  
transforma as margens em paisagens  
passageiras, em visões e miragens...  
O rio é, sim, o Rei das Selvas  
e das planícies, cujas águas límpidas  
formam remansos e correntezas.

Mas – e as margens?  
Ninguém canta as margens,  
sós os rios e suas águas milagrosas.  
Todos cantam, mas as margens,  
serão simples terras a desfilar  
rapidamente à vista dos passantes?  
Terras férteis – filhas fixas e perenes

dos rios, imutáveis barrancos.  
O rio passa célere, mas as margens  
presenciam vidas verdes,  
que ali permanecem pela eternidade.  
Volta e meia revoltam-se, mudam de lugar.

Todos cantam os rios, mas as margens?  
Os rios são assim: importantes  
mais pelas águas cristalinas,  
que pela margem.  
As estrias das margens enodoam  
de humo e lodo o rio e desse  
contrastante milagre foi de onde  
resultou a vida – não a morte...

7

“Morte, benfeitora morte,  
Eu vos proclamo  
Benfeitora, ôh morte!  
Benfeitora morte!  
Morte, morte...”  
Mário de Andrade

A morte pede condolências.

Objetivos todos ou uns somente,  
a vida pede consideração, ameaças.

Exige confrontos e um sempre  
enfrentar-se à borda, à margem,  
à beira do próprio reflexo.

Quem não tem objetivo à frente,  
fica cara a cara com a morte,  
antes de cortar a jugular.

8

“Anda sempre tão unido  
o meu tormento comigo  
que eu mesmo sou meu perigo.”  
Luís de Camões

Sem derramar uma lágrima.

Jogar dados, atirar casca  
de banana pela janela.  
Caroços de tangerina

expelidos com um – plut! –  
igual bala de revólver.  
No espaço exterior  
largar os cacos de tudo.

Sem pensar em pedir perdão.

Nada de arrependimento  
precoce, travo e rancor:  
como os répteis, largar  
a pele nos caminhos.

Sem rezar salmos a Deus!

Ou pedir interveniência  
de santos, babalaôs, orixás,  
primitivos e derivados,  
deuses intocáveis.

Sem implorar aos céus!

9

“Ah, se dormir o sono fosse, apenas...  
Entregar-se à deriva, sem velame,  
sem mastro, sem cipreste, sem bandeira!”  
Vito Pentagna

Rede lembra defunto. Lembra.  
Adormecer embalado pelo passo  
acelerado dos carregadores.  
(Incelença é cantiga de ninar).  
Ó Cometa de Halley desditoso,  
abençoa-nos caudal de cristal.

Noite alta ou madrugada despertar  
de cara para o céu majestoso.  
(Estar vivo. Silêncio, mais silêncio!)  
Não foi a morte quem me arrouchou  
o coração como se espremesse limão?

A estrelinha, arco-íris reconhecida  
é amiga dos desvãos da infância.  
A mesma, mesmíssima, multicolor,  
hipnotiza o pisca-piscar caleidoscópico.  
Não há nada entre a Terra e o infinito.  
A constelação do Cruzeiro do Sul  
reclina-se numa rede, preguiçosa.

“Débil llega el mar  
hasta mi cuarto  
meciéndome  
entre sus algas dedos”  
Carmen Berenguer

Mar de meditação.  
Mar primordial.  
Mar principalmente carioca.

Origem e fim de tudo,  
bate no Rio de Janeiro  
mandado por Iemanjá  
ou por Posídon.  
Banha Uiaras de areia,  
engole atrevidos, ousados.

Mar de cores impuras,  
que manda a saúde embora.  
Bendito seja o fruto  
do teu profundo ventre,  
zelai os pescadores.  
Trazei no toldo das ondas  
o alimento de todos os dias,  
o sal amargoso do batismo,  
o sal da fé e da vida.

Mar que aceita surfistas,  
travessos amantes notívagos,  
ambos enfeitados  
pelo encanto das sereias.  
Barcos, iates, saveiros,  
mar de engolir navios.

Mar de desertos e praias:  
Copacabana – verde de musgo,  
Arpoador – altar de beleza,  
Ipanema – convite ao carinho,  
Leblon – caminho da Barra.  
Grande ventre de silêncios,  
algas negras que geram  
moléculas viscerais,  
amniótico líquen,  
negro ventre abençoado,  
rezai por nós predadores.

Mar perdido por meandros  
das praias do Recreio,  
lagoas, seios, pântanos,  
coxas, restinga de Vênus,  
rumo a outros litorais.

Mar de liturgias e orações,  
mar essencial, onde navegam  
pensamentos e pirilampos,  
mar que é rio, mar de rosas,  
mar da antropogênese de nós.

11

“Fomos o frágil perdão e castigo,  
um pouco do ser homem e mulher.”  
Xênia Antunes

Está próximo, bem próximo,  
o lado inumano e humano  
do mistério feérico.

Um microssinal, sublimado,  
acende sensações latentes  
e todo o ser estrala.  
Desperta para o impasse,  
o entrave de dúvidas,  
questões inamovíveis.

A simples constatação de que  
em nós perdura o rotundo,  
– o inexplicável nada.

12

“Mi patria es dulce por fuera,  
y muy amarga por dentro...”  
Nicolás Guillén

Tem um Brasil desgovernado,  
que a ninguém dá parentesco.

Um Brasil rebolando pelos palcos,  
praças e palanques – Universal.  
Tem um Brasil de açúcar,  
da cocada, do melado e do sal.

De melado moreno e melaço,  
pai-da-cachaça e pai-do-rum.  
Tem um Brasil brasileiro,  
como não há outro algum.

Esse Brasil está gingando  
nas coxas de suas mulheres.  
Êta! Mulheraça amorenada geme!  
Escrachada geme, acavalada.

Sobre as pernas dos pares geme  
e canta e suada toda remelexo.  
Som dos metais e de madeiras,  
atabaque, teclado e bateria.

Geme o herói que larga o futebol,  
Maracanã, Pacaembu, Beira-Rio.  
Tudo trocou o nosso herói,  
pela cintura das mulheres.

Geme que no couro do ti-ti-ti  
o Brasil-açu jamais é humilhado.  
Irmão bonito, pássaro verde-e-amarelo,  
guarás, araras, garças, maracanãs...

Tem um Brasil desgovernado,  
que a ninguém dá parentesco.

13

“No mar interior não naufragam nunca os  
veleiros da madrugada.”  
Tasso da Silveira

A aventura é sempre,  
o descanso – jamais.  
A praia é eterna,  
ninguém carece de cais.

Essa carícia, tão terna,  
irreprimível jamais.  
A ventura é para sempre,  
amor, o amor é sem paz.

O campo é das abelhas,  
como aquela história velha:  
as formigas trabalham,  
cigarras cantam e morrem.

14

“teu olhar é esta manhã vulgar  
dos domingos”.  
Maria Amélia Mello

Mal de desamor  
dos olhos é distância:  
o corpo voando longe  
detona a saudade  
– convivendo perto.

Mal de desamor,  
enquanto constância  
dos adeuses:  
será um monge  
alimentado a grilos  
– nos desertos?

Mal de desamor,  
frágil alimento,  
que vive de múltiplas  
e vastas despedidas:  
a cada nova partida  
– a cada segundo...

15

“E se quiseres, lembra-te;  
Se quiseres, esquece.”  
Christina Rosseti

Toda casa tem um passado.  
Das janelas vislumbra-se as ruas.  
É nas ruas que a vida perpassa.  
Dentro da casa – móveis mortos.  
Dentro da casa – fantasmas circulando  
Dentro da casa esboroam ficção e sonho.

– É bom ficar atento!

16

“Ninguno me hable de penas  
porque yo penando vivo.”  
José Hernández

Sentir a dor dos homens!  
Aragón, Vallejo – Vallejo, Aragón...  
Como dizer e ir mais além?



Zé Régio, Neruda – Cecília, Martí...  
Muitos irmãos, meus próximos.

Florbela, Varela, Nobre, Azevedo...  
Perdidos entre florestas de solombras.  
Camões, Gregório – Mário & Oswald...

Quem governa o Destino de nós?

17

“As romãs entreabrem-se  
Em líquidos rubis.  
E as rosas sangram, rubras,  
A sua luz de ardente ocaso”.  
Vanilton Brito

(Vozes vangoghianas)

Telhado de matizes cinzentos,  
ora castanhos, ora avermelhados.  
Porta branca, janelas amarelas,  
cabelos grisalhos, têmpera giz.  
Azul do céu sob crepúsculo cobre,  
magnífico sol, personas negras.  
Suave luz, suave claridade,  
sebe de espinhos negros, negros.  
O velho cavalo branco, branco,  
bebe água tinta sobre capim seco.

Esqueleto de ossos descorados,  
tempo sombrio, teto escuro.

Claridade pálida e alvacenta,  
sobre telhas cobertas de musgo.  
Árvore morta meramente enegrecida,  
discerníveis no crepúsculo trêmulo.  
Contra o céu contrasta a gleba escura,  
cor de café, manchas esbranquiçadas.  
Esfarrapado, brumoso tufo de nuvem,  
gotas verdes recobrem a grama.  
Sombras que passam velozmente,  
estrume, cinzas, carvão, adubo.

(É preciso ter uma vez morrido  
e, vagamente, morrer de novo...)

18

“não, não tentarás o verso  
que te desculpe”  
Aricy Curvelo

O tempo consome  
o tempo reduzido.  
– Até mesmo a sombra  
é mero feixe de luz.  
Fogueira de incensos  
o nascimento da poesia.  
Sortilégios, delírios,  
líricos devaneios,  
Possessões oníricas.

19

“Morte, irmã leiga, compassiva e pura  
de um convento de bruma, à beira-mar...”  
“Tasso da Silveira

Que há ódios, enxeridos pelos demônios,  
e há amores travestidos de rancores.  
Que os pobres não desesperem jamais,  
das demandas que fazem os tiranos.  
Que se alegrem em samba e batucada,  
com o desespero dos algozes.

E que, oferecendo-se desgosto,  
o nojo não seja mais que a causa...  
Que chupar um beicinho e cheirar  
um pescoço seja prazer e pausa.  
E cheirando a enxofre e a heresia,  
Traçar a geografia diabólica.  
Que os bruxos contemporâneos  
(meio charlatães, meio mentirosos)  
destrocem sem piedade suas farsas.

20

“o amor nunca pode ser  
bonito desse jeito...”  
Ana Maria Pedreira

Sussurrante e soluçante,  
o amor é um embaralhado de dores,  
como quem corta os pulsos.

Um trespassar de cores,  
policromática miragem  
do mais moderno tecnicolor,

O amor é esmaecido ou é  
intenso, quando não se está  
pensando nele – e tudo está bem.

O amor é lúbrico e déspota,  
quando não se está fumando  
– e tudo vai bem.

O amor é lírico e obsceno,  
quando não se está bebendo,  
– e se sente bem.

O amor é fatal e suicida,  
quando não se cheira coca  
– e todos, todos são bons.

O amor é azulino, quando  
derrama algum sangue,  
impossível de registrar.

## NEONOTURNO BELZONTINO

“Estrelas árvores estrelas  
E o silêncio fresco da noite deserta  
Belo Horizonte desapareceu  
Transfigurada nas recordações.”  
Mário de Andrade

Telhado de palha musgosa, só em quadro vivo,  
o som dos passos apressados musicais gravados.  
Tudo se dispersa no lusco-fusco gris do néon,  
entretarde, entrenoite enegrecendo o asfalto.

Faz lembrar que cidade é essa maneira, mineira,  
não mais cidade costumeira, alegre em cor e som.  
Sítio tranqüilo, que Mário de Andrade, calmamente,  
correu com amigos, tresnoitando insones sob o fog.

Calmamente destrinçar esquinas e paralelepípedos,  
anotando no canto da mente sonoros noturnos.  
Não, não, decididamente não é a mesma city mais:  
tem ares de grandeza, vícios de Pequim, impurezas de NY.

Já é adulta a população grande e ninguém, ninguém,  
ninguém (repito) assistiu ao seu formidável féretro.  
Nem a última quimera, perdida no século, viu adentrar  
pelas ruelas o senão moderno da mega-cidade ilhada.

Ninguém despiu a simplicidade sadia, ninguém a viu nua,  
para fingir ousadas mega-alegorias, ninguém não despiu.  
São velhucas as árvores do Parque da Cidade, idosas, anciãs  
que libertam besouros, colibris, aromas de madeira podre.

Sombras magníficas, aromatizantes, perfumes, cheiros  
energéticos, verdes se matizando em mil matizes do verde.  
O amargo azul profundo, quase negro, o amarelo, prateado,  
aqui, ouro ali, um pouco cinza, negro, propondo misturas.

A cidade quase eterna cristalizou a ruína das vilas mortas,  
hoje se revela átomo, como raio de sol entre frestas, listas.  
Memória de becos, flores lilases, begônias, rosas, roxas:  
o girassol que Van Gogh plantou, não vinga nesse jardim.

## SAMBA PORNOSADOMASOQUISTA

“A língua é o chicote do corpo.”  
Adágio Popular

“Então eu fiz teu funeral  
– sem flores, sem corpo, sem caixão,  
– apenas para poder chorar a minha primeira lágrima.”  
Leila Miccolis

Ah, disgrama! Nunca mais verei o verde dos teus olhos assassinos,  
pequeninos.

Nunca poderei, com ódio e rancor, fazer sangrar o teu clitóris,  
oh Dóris!

Não conseguirei e desisto de chupar a rosa de teus peitos claros  
e avaros.

No silêncio me masturbo com teu canto (escuro enigma) e gozo  
medroso...

Não ousar ser solução nem ser o ator de tal e qual seara, dessa cena  
obscena.

Poderei meter a língua na tua orelha e sentir ouriçada a tua nuca?  
– Nunca!

Teus pelos púbicos, não – ah, disgrama! – não, jamais arrancarei,  
canibalizarei.

Nem mais o verde-mata dos teus olhos verei, assassino, desumano,  
de gusano.

Não sugarei os mamilos túmidos, estourados, tal bola de gás, não, não,  
jamais.

Ademais, não sonharei na ponta da língua eriçar-te o sexo molhado

e ancorado.

Nem o prazer de Onan satisfaz, do teu terror, meu membro pênsil.

Ssssilêncio!

Mudo enigma, desencontro, afasta de mim a enseada da tua nádega  
tresloucada.

Nem ouvirei o desesperado e selvagem grunhido que emites em gozo  
– medonho!

Como sufocar o soluço, aplastado no pântano do ventre entre pêlos?

Atropelo?

Não realizarei o vício de meter a língua tensa no traseiro desgrenhado,  
arrebitado.

## LITURGIAS SATÂNICAS

“Dentro do cárcere a cela permanece escura,  
mas sabemos que lá fora brilha o sol.”

Ho Chi Minh

Ó mistério dos mistérios, és a poesia e a palavra, insolente profanação, esconjuro de quebranto, eleição de porcarias, enterro das esperanças. Iluminados loucos saem da insanidade, da delirante ilusão, dizer: Não, não vimos o que vimos.

A insanidade encarnada no torturado – receptáculo de toda rebeldia e pecado. Poesia de crueldade, poesia de sangue, vítima de superstição, ruptura da religião, rancor do contrato social.

Carentes de piedade são os especialistas em revolução, na violação da lei. Moinhos capazes de triturar desesperadamente os empecilhos, que só afetam o aspecto exterior e nada muda.

A grande lei do coração, ó inconsciente, está ao alcance das mãos: é a grande lei da esperança. Febre de sonho, extensão invisível: arte de governar as forças do mal, quando grassa a epidemia de magos.

Bruxas, feiticeiros, mestres, aprendizes de novas heresias, os pajés das almas adolescentes reinam e agradecem. O punhal, a agulha, o anel, a luz, o cetro, o fogo, a espada, a labareda... Perfumes, papel virgem, caneta, tinta, sangue.

– Tudo serve para recriar o Pequeno Dragão Vermelho. Blasfêmia – consagração do Inferno. Incesto – encantamento fatal da carne. Órgãos inumanos, fragmento do próprio corpo: carne, cabelo, unha, gota de sangue. Tudo serve...

Onirismo, sensualidade, prostituição do pequeno diabo, apascentam rebanhos de galáxias em terras ermas, desérticas, sem esperança. Oferendas, filtros de amor, guerra e de ódio. Morrer quando move perseguição demoníaca capaz de provocar fobia em anjos celestes.

Põe a bola de cristal no jardim, desditosa vítima do suplício alucinógeno. Executa missa blasfema e, genuflexo, de um só grogue, entorna todo o cálice de beladona e serás todas as proibições deliberadas. (Temos de estar realmente loucos para viver a exaltação dos sentidos).

Na ilusão do poder repousa teu corpo no catre. Azulado o corpo frio,  
deixa os músculos palpitem refletindo ecos da alma lívida,  
que no último espasmo se retorce, obscena e pecaminosamente.  
Óleos santos, absinto, calamidade! Epidemia de repressão.

Não há esperança contra atrocidades que levam à miséria reinante.  
Direta correlação com pragas e pestes, mescla de rebelião e fome,  
dor de justiça, época de fazer vítima da incerteza, do refluxo social,  
da privação, dos mapas que indicam a esperança. Onde Deus?

Eis quando a fome reinar como praga natural e dizimar a cozinha,  
a despensa avassalar e igualmente servos e senhores, é hora.  
Hora de clamar ao Senhor da Magia Negra com todas as falas.  
Até mesmo Deus calará sobre a crise social, a angústia individual.

Até mesmo o Demo enfermo caminhará para fogueira em busca de consolo.  
Eis quando se unirão crueldade e miséria: O medo se abraça ao terror.  
O temor apascenta a inveja e a cólera. O ódio encontra exaltação na  
ansiedade.  
Labaredas fatais e avassaladoras encontram receptáculo em todos os  
pecados.

Bruxo, carniceiro, carrasco afasta-nos das sombrias rotas da esperança.  
Juizes do Inferno e do Céu, defensores adoráveis da má e definitiva fé.  
Ardorosos árbitros do castigo, povo do cão, servidores do mal arresta-nos.  
Filho da fealdade, miséria negra, angústia da idade milenar acorrenta-nos!

Quando a noite maléfica cimentar almas e os homens nas suas camas,  
desesperados, agarrarem-se aos terços, socorrerem-se nos crucifixos:  
é chegada a hora, o Grande Sinal: Está destruído o caminho da esperança.  
Destruído o caminho da esperança, obstruído o caminho da esperança.



## BOLERO SUBURBANO

“Mas, por detrás dos cílios líquidos e claros,  
como a menina desses olhos solitários,  
há alguém...”

Guilherme de Almeida

(Um dia, sozinha no quarto,  
pronta para o que der e vier,  
compõe os cabelos de milho  
e brinca de maquiar sombras):

Reflexiva ao espelho, a menina  
reverbera estrela e pedraria.

Reza um pedido ca(n)dente  
e logo, logo, se põe a sonhar.

Sonha, menina, sonha,  
sonha o hemisfério estelar.

A menina se debruça na janela,  
vê a esteira do astro cintilar.

O que pediu está pedido, feito,  
o bólido promete determinar.

Baila, menina, baila,  
baila a nunca acabar.

A menina viaja veloz,  
à velocidade da luz.

Flash, refletor, câmara!  
o verde dos olhos seduz.

Finge, menina, finge,  
finge o mundo representar.

A menina espelha o vídeo  
e imita a estrela no palco.

A fronte orvalha nervosa,  
ao sonho entrega-se toda.

Brilha, menina, brilha,  
brilha, mas sem ofuscar...

Regina volta para casa:  
Irá o mundo se acabar?

O sonho sonhado é perdido?  
Não se pode reprisar?

Acorda, menina, acorda,  
acorda para a vida enfeitar.

(Um dia, de novo sozinha,  
desfeita a máscara, se enfeita,  
doida e capaz ao que der e vier,  
o aplauso vai recordar...)

# LEGADO LÍTEROCORPORAL

“¿Y sí en lugar de la felicidad indiferente,  
irrisorios y trágicos que somos,  
nos saluda un genio maligno?”

Alberto Villanueva

(Certas exigências no trato deste corpo quando dilacerado):

Não quero choro nem vela, não quero rosa nem flor. Quero riso e cor,  
roupa simples no último trajar: bermuda, chinelo e camiseta.  
Não quero reza nem encomenda, só uma lânguida incelença,  
como quem louva a despedida dos amigos que vão à guerra.

Enterrem meu coração em outro peito, de preferência feminino,  
dos olhos façam bom uso e aproveitem outros órgãos utilizáveis.  
Pastor? Nem pastar. Nem macumbeiro. Padre? Nem pensar!  
(Só se for dos bem safados, com cambada de mulher e filho.)

O resto do velho corpo, adubo não dará, mas sim uma bela fogueira.  
Do é sem proveito, juntem com o que escrevi, mais os livros que não li,  
mulheres que não amei, tudo que não aprendi: é brasa pra bom churrasco.  
Nenhum anúncio em jornal, quanto ao jogar as cinzas no mar.

Cumprida a pagã liturgia, deixem-me em paz comigo mesmo:  
no ato seguinte estarei em busca de novos e mais leves amigos...  
Nem missa nem necrológio nem *in memoriam* de 7º, 30º ou 360º dia,  
relembrem esta figura nos papos informais, regados a chope e cachacinha,  
tira-gosto de torresmo, coxas bem gloriosas, sacanagens, piadinhas.

Quem gosta da boa vida: não esqueça o champanhe, ou uísque on the rock.  
Também não sou de negar o vinho chateau isso e aquilo ou um rioja añejo:  
queijos, frios, fartura – bem ao gosto daqueles que ficam para lembrar  
aqueles que se vão, assim de repente, sem mais nem menos, mas ficam na  
memória.

Esqueçam logo a seguir, mergulhados com toda alma, no corpo de uma  
mulher...

## Finis

---

Rio de Janeiro, 1990/2003

### O Autor

Salomão Rovedo (1942), formação cultural em São Luis (MA), desde 1963 reside no Rio de Janeiro. Participou de vários movimentos poéticos nas décadas 60/70/80.

### Publicados

Abertura Poética (Antologia), Waldir Ayala/César de Araújo-CS, Rio de Janeiro, 1975; Tributo (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Mícolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1981; Chuva Fina (Antologia), org. Leila Mícolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1982; Folgedos (Poesia/Folclore), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed.dos AA, Rio de Janeiro, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, Rio de Janeiro, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1987

### Inéditos

Liriana (Contos), O Breve Reinado das Donzelas (Contos), Estrela Ambulante (Contos), O Pacto dos Meninos da Rua Bela (Contos), Ventre das Águas (Romance), Poesia de Cordel - O Poeta é Sua Essência (Ensaio), O Cometa de Halley e Outros Ensaio (Artigos Publicados em Jornais), (Poesia): Pobres Cantares, 20 Poemas Pornôs e 1 Canção Ejaculada, Glosas Escabrosas (Xilogravura de Marcelo Soares), Blues Azuis & Boleros Imperfeitos, Ventre das Águas, Amaricanto, Viola Baudelaireana e Outras Violas, Templo das Afrodites, Amor a São Luís e Ódio, Anjos Pornôs, Macunaíma (Em Cordel)

### Outros

Publicou folhetos de cordel como Sá de João Pessoa; Publicou o jornalzinho de poesia Poe/r/ta; Colaborações: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poética(Uruguai), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) ...E outras ovelhas desgarradas, principalmente pela Internet...

Endereço: Rua Basílio de Brito, 28/605-Cachambi

20785-000-Rio de Janeiro Rio de Janeiro Brasil

Tel: +55 21 2201-2604



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brazil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA.